

ENV	029720
SIG	Foll 82
LIB.	1

"Ariel y el árbol olvidado" de Carlos Vera Vargas

© Carlos Vera Vargas

Selección: *Ministerio de Educación de Bolivia*

Traducción al portugués: Laura Berchansky

Agradecemos la colaboración de la Embajada de Brasil en Argentina

Imagen de tapa: Micaela Bueno

Ilustraciones: Juan Salvador de Tullio

Diseño de colección: Campaña Nacional de Lectura

Colección: "Mercosur lee"

Ministerio de Educación, Ciencia y Tecnología

Unidad de Programas Especiales

Campaña Nacional de Lectura

Pizzurno 935. (C1020ACA) Ciudad de Buenos Aires. Tel: (011) 4129 1075


campnacionaldelectura@me.gov.ar - www.me.gov.ar/lees

República Argentina, 2005

ARIEL E A ARVORE ESQUECIDA

CARLOS VERA VARGAS

Já longe da grande cidade barulhenta e escura, no meio de uma imensa solidão de areia, Ariel gostava de tirar seus sapatos e caminhar descalço. Tinha certeza de que suas pequenas pisadas, sempre, deixavam algo escrito, assim, libertando sua imaginação, ele se deleitava lendo suas pegadas. Como se estivesse suspenso no ar, pousava, lentamente seus pés para depois, com muito cuidado, virar a cabeça e contemplar o escrito:



Sobre
a areia
com meu punho
e letra escrevo
minha alegria de
viver... Disse
punho e letra?
Bem, melhor seria
dizer que escrevi
com meu pé e letra,
disso não há
dúvida!

E Ariel sorria feliz porque andar e escrever eram dois momentos que enchiam de alegria seu inocente coração. Aquele dia, Ariel ia dar mais um passo para prolongar sua emoção; mas aconteceu que, num instante inesperado, descendo dos ares, tíbio e envolvido no manto vermelho e negro de suas asas, um tenro pardal pousou sobre sua última pisada.

—Olá Ariel! Disse-lhe o pardal, faz muito tempo que estou lhe procurando e, finalmente, o encontro.

—A mim? —perguntou Ariel, surpreendido.

—Sim, você é quem procuro pois você é uma criança e sabe escrever muitas coisas lindas enquanto caminha... há pouco, estive lendo o que você escrevia com suas pisadas.

—Ah!, então você me conhece muito bem! —exclamou a criança.

—Pois é —disse, gorjeando, o pardal —; além disso, direi que me assemelho muito à você, porque quando eu vôo também deixo escritas minhas palavras no céu azul.

—E você sabe que eu entendo tudo o que os passarinhos dizem quando revoam no céu? —Emocionado com aquele encontro, Ariel reclinou-se sobre a areia para se aproximar mais do pardal.

—Claro que eu sei, Ariel, e é justamente por isso que estive lhe procurando, pois é você, minha criança amiga, o escolhido para nos ajudar. Mas, para que você entenda o que quero, tem que me escutar com toda a atenção sabe? A pedido do meu avô, venho da Árvore Esquecida.

–A Árvore Esquecida? –perguntou Ariel muito intrigado.

–Isso mesmo! –respondeu o pardal, e continuou a explicação–. O que acontece é que você, como eu, ainda é muito novo para compreender algumas coisas. Não obstante, meu avô me contou que aqui, onde agora só tem areia e silêncio, antes havia árvores que compunham belos bosques e nos seus galhos de fresco verdor construíam seus ninhos as aves do céu... Ai!, mas um dia, sem meditar o que estavam fazendo, uns homens começaram a devastar as árvores e caçar as aves. Com a madeira das árvores fabricaram muitas coisas e os passarinhos foram colocados em gaiolas para serem levados às cidades frias e escuras...

–Me diga, amigo pardal –cheio de curiosidade, Ariel interrompeu o relato do pardalzinho– Como foi que seu avô se salvou?

–Eu sabia que você se interessaria por todos nós! –exclamou o pequeno alado–. Ao ver esta terrível destruição de árvores e aves, um homem bom quis impedir. Então tentou fazer refletir a quem, obcecado pela sua ambição, não cessava de devastar e caçar; mas ninguém obedeceu e, muito pelo contrário, o consideraram seu inimigo.

Não obstante, apesar da perseguição, nosso defensor persistiu na tentativa de nos salvar; então, para continuarmos partilhando a vida com os homens, através das palavras e dos desenhos, ele nos colocou dentro de um livro maravilhoso.

–Por tudo o que você me conta, agora começo a compreender –comentou Ariel.

Mas aconteceu algo pior –acrescentou o pardal.

–O que aconteceu? –perguntou Ariel, ansioso.

–Os homens enterraram o livro neste areal.

–Neste areal? Não entendo, como não o vi!

–Acontece que o ocultaram totalmente; mas hoje o forte vento tirou a areia, num momento você podera vê-lo.

–Você vai me mostrar o livro? –perguntava, enquanto a emoção enchia o coração de Ariel.

–Sim, eu lhe mostrarei o livro, mas espera, pois ainda preciso lhe contar algo mais –manifestou o pardal–. Então aconteceu que, assim como um livro morre quando ninguém o lê, este livro que estava sepultado começou a perder as folhas, se desfolhou como os galhos das árvores. Por isso as aves, apenas esvoaçando sua melancolia, começaram a morrer. Assim morreram meus pais pardais e eu tive de ficar com meu avô pardal... Você sabe, Ariel, agora somente fica a Árvore Esquecida no coração do livro e se ele também morre então desaparecerá nossa memória.

–Não, não, vocês não podem morrer! –exclamou o pequeno, que docemente pegou o pardal entre suas inocentes mãos.

–Por isso procurei você, Ariel, porque pretendemos continuar vivendo; como você, queremos prosseguir escrevendo no céu a história do nosso vôo... E para que tudo isto vire realidade, é preciso que você, criança amiga, nos ajude logo.

–Eu? –perguntou Ariel, surpreendido.

—Sim, você, e para que isto seja possível é preciso que você entre nas páginas do livro enterrado, resgate as aves que ainda ficam ali e também traga as sementes que a Árvore Esquecida espalhou. Você me entende?

—Sim, entendo o que você quer me dizer, amigo pardal. Então vamos, pois não há tempo a perder...

Nas mãos amigas, o pardal levantou vôo e se colocou diante de Ariel. A criança, descalça, começou a percorrer rapidamente o areal. Em torno deles, alguns redemoinhos brincavam, ociosamente, com a areia.

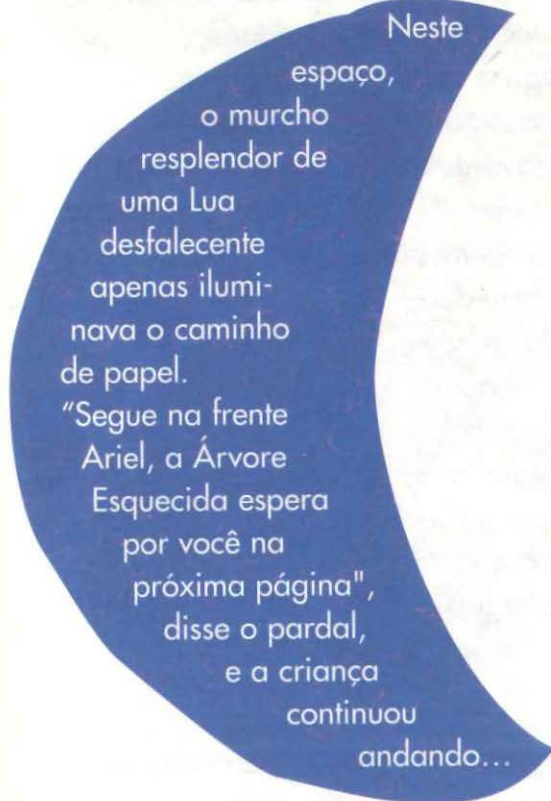
—Alí está o livro! —gritou o pardal, e num vôo ágil foi pousar sobre as páginas amareladas que, cobertas de areia, se abriam mais e mais.

—Bem, e agora?... —perguntava Ariel, já diante do livro.

—Você não precisa se preocupar, Ariel, apenas deve continuar andando, e logo verá como suas pegadas o levarão a escrever nas páginas deste livro, uma história cheia de esperança e amor.

Ao compreender as palavras do pardal, Ariel aproximou-se do livro e, delicadamente, tirou a areia que ainda o ocultava, abriu suas folhas e, em companhia do seu amigo, descalço, arriscou-se por uma página amarelada e rasgada

...O barulho que
provocavam seus passos
naquelas páginas rasgadas
e ressecadas fez estremecer
o coração de Ariel. Por
causa disso, a criança
descalça passou
rápidamente à página
seguinte...



Neste
espaço,
o murcho
resplendor de
uma Lua
desfalecente
apenas ilumi-
nava o caminho
de papel.
"Segue na frente
Ariel, a Árvore
Esquecida espera
por você na
próxima página",
disse o pardal,
e a criança
continuou
andando...

...Então, o
pequeno peregrino pode contemplar a Árvore Esquecida.
Esta, cheia de melancolia, desfolhava-se, em silêncio. Uma
suave brisa levou, até os ouvidos de Ariel as palavras da
velha árvore: "Não perca tempo, minha criança, recolha as
sementes espalhadas, reúna as aves que ainda ficam em
meus galhos e as tire daqui antes que a areia volte a ocultá-
las... Quando você estiver ali, na cidade,
diga a todos

que nós,
árvores e
aves, só
queremos
o bem deles.
Vá embora,
Ariel,
que o pardal
e seu avô
esperam você
na página
do regresso."

E Ariel iniciou a volta... Apressados, aves e criança saíram
por uma página sem areia.


Rapidamente, as pisadas da criança e o vôo das aves
escreviam na areia e no céu palavras de alegria e
esperança...



ARIEL Y EL ÁRBOL OLVIDADO

CARLOS VERA VARGAS

Lejos ya de la gran ciudad ruidosa y oscura, en medio de una inmensa soledad de arena, a Ariel le gustaba quitarse los zapatos y caminar descalzo. Estaba seguro de que sus pequeñas huellas siempre dejaban algo escrito, por lo que, dando vuelo a su imaginación, se deleitaba leyendo sus rastros. Como si estuviera suspendido en el aire, posaba suavemente sus pies para luego, con mucho cuidado, dar vuelta la cabeza y contemplar lo escrito:



Sobre
la arena
con mi puño
y letra escribo
mi alegría de
vivir... ¿Dije
puño y letra?
Bueno, mejor sería
decir que escribí
con mi pie y letra,
¡de eso ni duda
cabe!

Y Ariel sonreía feliz porque andar y escribir eran dos momentos que llenaban de alegría su inocente corazón.

Aquel día, Ariel iba a dar otro paso más para prolongar su emoción; pero ocurrió que en un instante inesperado, descolgándose del aire tibio y envuelto en el manto rojinegro de sus alas, un tierno gorrión se posó sobre la última de sus huellas.

-¡Hola Ariel! -le dijo el gorrión, desde hace mucho tiempo ando buscándote y al fin te encuentro.

-¿A mí? -preguntó Ariel sorprendido.

-Sí, a ti. Te busco porque eres un niño que sabe escribir muchas cosas lindas mientras camina... hace rato estuve leyendo lo que escribías con tus huellas.

-¡Ah!, ¡así que tú me conoces muy bien! -exclamó el niño.

-Así es -dijo trinando el gorrión-; además, te diré que me parezco mucho a ti, porque cuando vuelo también dejo escritas mis palabras en el cielo azul.

-¿Y sabes que yo entiendo todo lo que los pajaritos dicen cuando revolotean en el cielo? -Emocionado por aquel encuentro, Ariel se recostó sobre la arena para aproximarse más al gorrión.

-Claro que lo sé, Ariel, y es justamente por eso que estuve buscándote, pues eres tú, mi niño amigo, el elegido para ayudarnos. Pero, para que entiendas lo que quiero, tienes que escucharme con toda atención. ¿Sabes?, por encargo de mi abuelo, vengo desde el Árbol Olvidado.

-¿El Árbol Olvidado? -preguntó Ariel muy intrigado.

—Eso dije —contestó el gorrión, y continuó con su explicación—. Lo que ocurre es que tú, al igual que yo, todavía eres muy pequeño como para comprender algunas cosas. Sin embargo, a mí me contó mi abuelo que aquí, donde ahora sólo abunda la arena y reina el silencio, antes los árboles formaban hermosos bosques y en sus ramas de fresco verdor construían sus nidos las aves del cielo... ¡Ay!, pero un día, sin meditar en lo que estaban haciendo, unos hombres empezaron a talar los árboles y cazar aves. Con la madera de los árboles fabricaron muchas cosas y a los pajaritos los enjaularon para llevárselos a las ciudades frías y oscuras...

—Dime, amigo gorrión —lleno de curiosidad, Ariel interrumpió el relato del gorrioncillo— ¿cómo pudo salvarse tu abuelo?

—¡Yo sabía que te interesarías por todos nosotros! —exclamó el pequeño alado—. Al ver esta terrible destrucción de árboles y aves, un buen hombre quiso impedirla. Entonces trató de hacer reflexionar a quienes, enceguecidos por su ambición, no cesaban de talar y cazar; pero nadie le hizo caso y, muy por el contrario, lo consideraron su enemigo.

Sin embargo, pese a todo el acoso, nuestro defensor insistió en salvarnos; entonces, para que nosotros siguiésemos compartiendo la vida con los hombres, nos introdujo, a través de las palabras y los dibujos, dentro de un libro maravilloso.

—Por todo lo que me cuentas, ahora empiezo a comprenderte —comentó Ariel.

Pero ocurrió algo peor —agregó el gorrión.

—¿Qué pasó? —preguntó Ariel, ansioso.

—Los hombres enterraron el libro en este arenal.

—¿En este arenal?, ¡no entiendo cómo no lo pude ver!

—Es que lo cubrieron totalmente; pero como hoy el viento le quitó la arena, dentro de un momento podrás verlo.

—¿Vas a mostrarme el libro? —preguntaba, mientras la emoción estremecía el corazón de Ariel.

—Sí, te lo mostraré, pero espera, que aún tengo que contarte algo más —aclaró el gorrión—. Entonces ocurrió que, así como un libro se muere cuando no lo leen, éste que estaba enterrado empezó a deshojarse como se deshojan las ramas de los árboles. Por eso las aves, aleteando apenas su melancolía, empezaron a morir. Así murieron mis padres gorriones y yo tuve que quedarme con mi abuelo gorrión... ¿Sabes, Ariel?, ahora solamente queda el Árbol Olvidado en el corazón del libro, y si él también muere no quedará memoria de nosotros.

—¡No, no, ustedes no pueden morir! —exclamó el pequeño, y tiernamente cogió al gorrión entre sus inocentes manos.

—Por eso te busqué, Ariel, porque queremos seguir viviendo; como tú, queremos seguir escribiendo en el cielo la historia de nuestro vuelo... Y para que todo lo que acabo de decirte se haga realidad, es preciso que tú, niño amigo, nos ayudes pronto.

—¿Yo? —preguntó sorprendido Ariel.

—Sí, tú, y para que esto sea posible es preciso que entres en las páginas del libro enterrado, rescates las aves que todavía quedan allí y además traigas las semillas que derramó el Árbol

Olvidado. Me entiendes, ¿verdad?

—Sí, entiendo lo que quieres decirme, amigo gorrión. Entonces vamos, ya que no hay tiempo que perder...

Desde las manos amigas, el gorrión levantó vuelo y se puso delante de Ariel. El niño, descalzo, empezó a recorrer apresuradamente el arenal. En torno a ellos, algunos remolinos jugueteaban ociosamente con la arena.

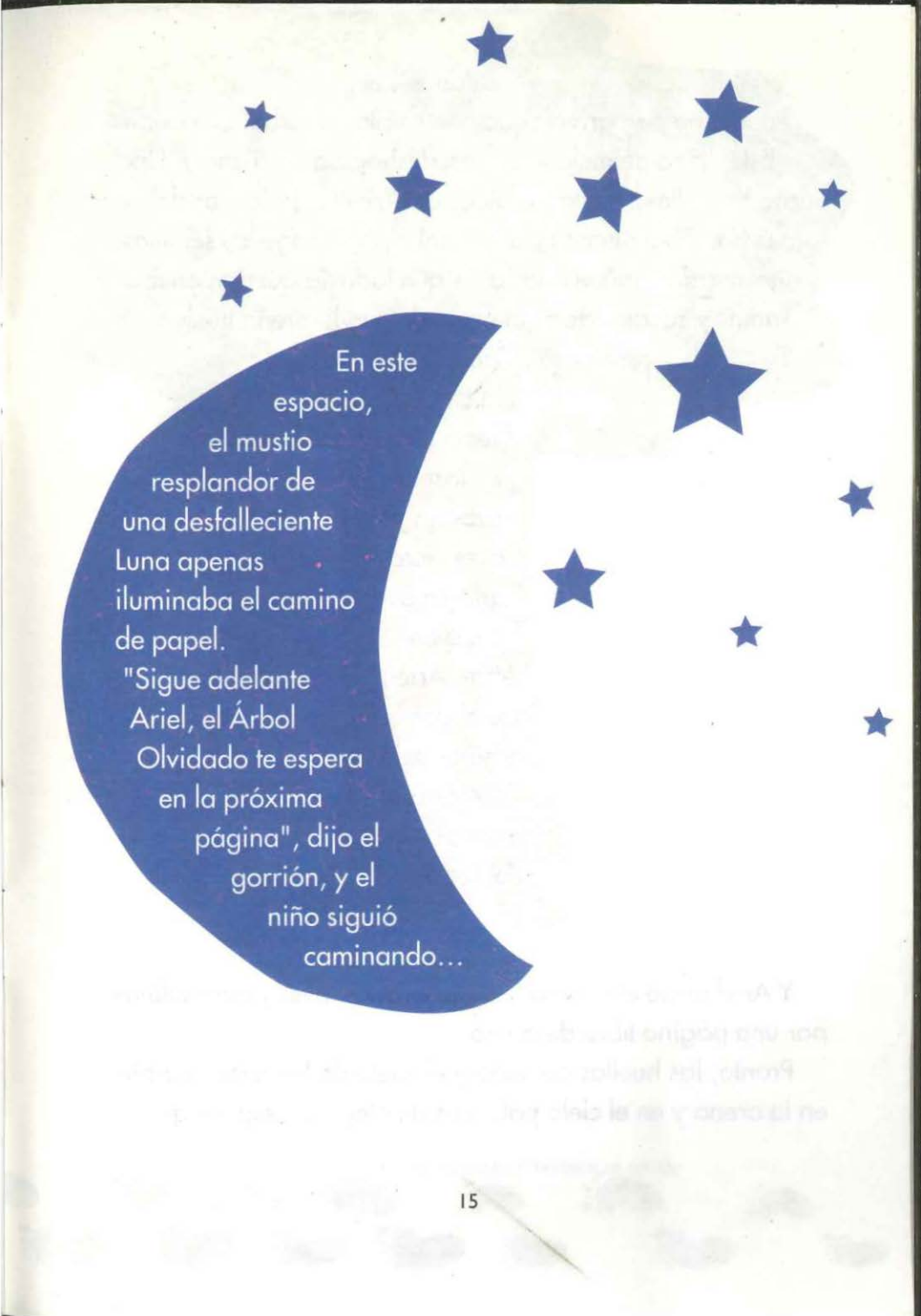
—¡Allí está el libro! —gritó el gorrión, y con vuelo ágil fue a posarse sobre las páginas amarillentas que, cubiertas de arena, se resquebrajaban más y más.

—Bueno, ¿y ahora?... —interrogaba Ariel, ya delante del libro.

—No te preocupes, Ariel, tú sólo debes seguir caminando, ya verás cómo tus huellas te llevarán a escribir en las páginas de este libro una historia llena de esperanza y amor.

Al comprender las palabras del gorrión, Ariel se aproximó al libro, le quitó suavemente la arena que todavía lo cubría, abrió sus hojas y, acompañado por su amigo, se aventuró descalzo por una página amarillenta y agrietada...

...El resquebrajante ruido
que provocaban sus pasos
en aquellas páginas reseca
hizo estremecer el corazón
de Ariel. Por eso, el niño
descalzo pasó rápidamente
a la página siguiente...



En este
espacio,
el mustio
resplandor de
una desfalleciente
Luna apenas
iluminaba el camino
de papel.
"Sigue adelante
Ariel, el Árbol
Olvidado te espera
en la próxima
página", dijo el
gorrión, y el
niño siguió
caminando...

...Entonces, el pequeño peregrino pudo contemplar el Árbol Olvidado. Éste, lleno de melancolía, se deshojaba en silencio. Una suave brisa llevó hasta los oídos de Ariel las palabras del viejo árbol: "No pierdas tiempo, mi niño, recoge las semillas derramadas, reúne a las aves que todavía quedan en mis ramas y sácalas de aquí antes de que la arena vuelva a cubrir las... Cuando estés allí, en la ciudad,

diles a todos que nosotros, árboles y aves, sólo queremos su bien.

Vete, Ariel, que el gorrión y su abuelo te esperan en la página del regreso."

Y Ariel inició el retorno... Apresurados, aves y niño salieron por una página libre de arena.

Pronto, las huellas del niño y el vuelo de las aves escribían en la arena y en el cielo palabras de alegría y esperanza...



Ejemplar de distribución gratuita. Prohibida su venta.



PRESIDENCIA *de la* NACIÓN

MINISTERIO *de*
EDUCACIÓN
CIENCIA y TECNOLOGÍA



Organización
de Estados
Iberoamericanos

Para la Educación,
la Ciencia
y la Cultura

